

**EVIDÊNCIAS DE VALIDADE DE UMA ESCALA DE COMPORTAMENTO
AVENTUREIRO EM UNIVERSITÁRIOS: UMA PROPOSTA BASEADA EM
SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA**

*EVIDENCE OF VALIDITY OF AN ADVENTUROUS BEHAVIOR SCALE IN UNIVERSITY
STUDENTS: A PROPOSAL BASED ON SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA*

WANDERSON DUTRA GRESELE

UNIOESTE - UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ

MARCELLUS HENRIQUE RODRIGUES BASTOS

CEFET-RJ

GLAUCO RICARDO SIMÕES GOMES

UNINOVE – UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO

Comunicação:

O XIII SINGEP foi realizado em conjunto com a 13th Conferência Internacional do CIK (CYRUS Institute of Knowledge), em formato híbrido, com sede presencial na UNINOVE - Universidade Nove de Julho, no Brasil.

Agradecimento à órgão de fomento:

Agradecimentos ao Fundo de Apoio à Pesquisa - FAP UNINOVE. Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

EVIDÊNCIAS DE VALIDADE DE UMA ESCALA DE COMPORTAMENTO AVENTUREIRO EM UNIVERSITÁRIOS: UMA PROPOSTA BASEADA EM SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA

Objetivo do estudo

Este estudo objetivou desenvolver e validar uma escala psicométrica para mensurar o comportamento aventureiro em estudantes do ensino superior. O instrumento fundamenta-se teoricamente na tipologia cultural de Sérgio Buarque de Holanda dos tipos ideais "aventureiro" versus "trabalhador".

Relevância/originalidade

Preenche uma lacuna ao desenvolver a primeira escala psicométrica para mensurar o comportamento aventureiro, um construto culturalmente significativo no Brasil, entre estudantes universitários. Oferece uma abordagem inovadora para compreender como os traços culturais nacionais impactam a vida acadêmica e as preferências de

Metodologia/abordagem

Seguindo um método dedutivo, os itens foram desenvolvidos com base em seis dimensões teóricas da obra de Holanda. A escala foi aplicada a 139 estudantes e analisada por meio de Análise Fatorial Exploratória com matriz de correlação policórica e método de estimação.

Principais resultados

A Análise Fatorial Exploratória revelou uma solução de cinco fatores que explica 61,6% da variância total. O modelo demonstrou excelentes índices de ajuste (RMSEA = 0,000; CFI = 0,999), alta confiabilidade (ORION \geq 0,848) e robustez estrutural, confirmando a qualidade psicométrica da

Contribuições teóricas/metodológicas

Fornecer um instrumento válido e confiável que operacionaliza a teoria cultural de Holanda em um contexto psicométrico. Confirma uma estrutura robusta de cinco fatores, apesar do referencial teórico inicial de seis dimensões, demonstrando adequada validade convergente e discriminante para a mensuração do

Contribuições sociais/para a gestão

A escala serve como ferramenta de diagnóstico para a gestão acadêmica, auxiliando educadores a compreender o comportamento dos estudantes. Apoia o desenvolvimento de intervenções pedagógicas mais eficazes e culturalmente sensíveis, bem como de políticas institucionais alinhadas ao perfil cultural dos estudantes brasileiros.

Palavras-chave: Comportamento aventureiro, Ensino Superior, Análise Fatorial Exploratória, Psicometria, Validade de Escala

EVIDENCE OF VALIDITY OF AN ADVENTUROUS BEHAVIOR SCALE IN UNIVERSITY STUDENTS: A PROPOSAL BASED ON SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA

Study purpose

This study aimed to develop and validate a psychometric scale to measure adventurous behavior in higher education students. The instrument is theoretically grounded in Sérgio Buarque de Holanda's cultural typology of the 'adventurer' versus the 'worker' ideal types

Relevance / originality

This research addresses a gap by developing the first psychometric scale to measure adventurous behavior, a culturally significant construct in Brazil, among university students. It offers a novel approach to understanding how national cultural traits impact academic life and learning preferences.

Methodology / approach

Following a deductive method, items were developed based on six theoretical dimensions from Holanda's work. The scale was administered to 139 students and analyzed using Exploratory Factor Analysis with a polychoric correlation matrix and the RDWLS estimation method.

Main results

Exploratory Factor Analysis revealed a five-factor solution explaining 61.6% of the total variance. The model demonstrated excellent fit indices (RMSEA = 0.000; CFI = 0.999), high reliability (ORION \geq 0.848), and structural robustness, confirming the scale's psychometric quality.

Theoretical / methodological contributions

The study provides a valid and reliable instrument that operationalizes Holanda's cultural theory in a psychometric context. It confirms a robust five-factor structure, despite the initial six-dimension theoretical framework, demonstrating adequate convergent and discriminant validity for measuring this construct.

Social / management contributions

The scale serves as a diagnostic tool for academic management, helping educators understand student behaviors. It supports the development of more effective, culturally sensitive pedagogical interventions and institutional policies aligned with the cultural profile of Brazilian students, fostering better engagement.

Keywords: Adventurous Behavior, Higher Education, Exploratory Factor Analysis, Psychometrics, Scale Validity

EVIDÊNCIAS DE VALIDADE DE UMA ESCALA DE COMPORTAMENTO AVENTUREIRO EM UNIVERSITÁRIOS: UMA PROPOSTA BASEADA EM SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA

1 Introdução

O estudo do comportamento e das preferências de aprendizagem dos estudantes deve considerar, entre outros aspectos, os aspectos culturais que moldam visões de mundo, valores e atitudes. Embora a diversidade da cultura brasileira seja evidente, ela não se caracteriza como algo caótico (Ribeiro, 1999). As características culturais resultantes da formação da sociedade brasileira são marcantes e frequentemente vistas como elementos estruturantes da identidade nacional. Esses traços, além de se manifestarem na vida cotidiana, também impactam o modo como indivíduos interagem nas organizações e nos ambientes educacionais (Azevedo, 1944; Holanda, 1995; Freitas, 2000).

Apesar da riqueza cultural, há traços recorrentes que moldam as práticas sociais. Pensadores como Faoro (2001), Freyre (2006), DaMatta (1997) e Holanda (1995) buscaram compreender essas especificidades culturais, destacando fenômenos como patrimonialismo, malandragem, sensualismo, e o espírito aventureiro. Este último, cunhado por Sérgio Buarque de Holanda (1995), é particularmente relevante para compreender a postura de estudantes em ambientes acadêmicos, caracterizando-se pela valorização da improvisação, busca de recompensas imediatas e recusa à rotina.

Nesse contexto, identificamos uma lacuna teórica e prática: a ausência de instrumentos psicométricos voltados à mensuração de traços culturais brasileiros associados ao comportamento acadêmico. Embora estudos sobre estilos de aprendizagem considerem variáveis como cognição, motivação e estratégia, raramente se atentam às bases culturais desses estilos, especialmente no Brasil. A tipologia de Holanda (1995), ainda que clássica, permanece atual e oferece subsídios para uma compreensão mais situada das atitudes e valores no ensino superior. Portanto, este estudo busca suprir essa lacuna por meio do desenvolvimento de uma escala psicométrica voltada à mensuração do comportamento aventureiro entre universitários brasileiros.

Esse instrumento ajudará a identificar traços e comportamentos que refletem o espírito aventureiro, permitindo uma melhor compreensão de como esses perfis influenciam o processo de aprendizagem em contextos educacionais diversos. Assim, buscou-se desenvolver um instrumento que mesure traços aventureiro em alunos do ensino superior.

Utilizando o método dedutivo (Boateng et al., 2018), desenvolvemos itens com base na descrição teórica do domínio (homem aventureiro), por meio da revisão da literatura existente, garantindo que os itens gerados estejam teoricamente ancorados no que já se sabe sobre o construto, conforme pesquisas anteriores. Acredita-se que o instrumento que está em desenvolvimento ajudará a identificar comportamentos que refletem o espírito aventureiro (Holanda, 1995), permitindo uma melhor compreensão de como esses perfis influenciam o processo de aprendizagem em contextos educacionais diversos.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Sérgio Buarque de Holanda (1995), influenciado pela sociologia compreensiva de Max Weber, propôs uma interpretação cultural do Brasil fundada na contraposição entre dois tipos ideais: o trabalhador e o aventureiro. Enquanto o primeiro valoriza o esforço metódico, a disciplina e a estabilidade, o segundo é guiado por metas ambiciosas, ações impulsivas e

rejeição à rotina. Holanda identifica no tipo aventureiro a predominância cultural da formação brasileira, marcada pela improvisação e pelo desejo de sucesso imediato.

Essa tipologia tem implicações profundas para o comportamento educacional. O tipo aventureiro tende a desvalorizar rotinas de estudo, busca resultados sem compromisso com o processo e assume riscos em nome de projetos grandiosos. A literatura educacional recente reforça que fatores culturais influenciam diretamente a aprendizagem (Joy & Kolb, 2009; Barmeyer, 2004). A cultura atua como agente socializador, moldando a cognição e o comportamento (Joy & Kolb, 2009), pois a aprendizagem está ancorada em crenças, valores e práticas compartilhadas (Barmeyer, 2004).

Dessa forma, compreender o comportamento acadêmico do estudante brasileiro exige incorporar uma lente cultural. Isso se torna especialmente relevante diante da ausência de instrumentos que mensurem tais traços de maneira válida e confiável. O presente estudo, ao propor uma escala baseada na tipologia de Holanda, dialoga com autores clássicos e contemporâneos, e oferece uma resposta inovadora a essa lacuna teórico-metodológica.

Utilizando a proposta de desenvolvimento de escalas apresentada por Boateng et al. (2018), o estudo adota um modelo dedutivo, partindo da definição do domínio teórico para a geração dos itens. O construto "comportamento aventureiro" foi conceituado a partir das oposições semeador versus ladrilhador, coletor versus lavrador, e suas manifestações na atitude frente ao estudo. Seis dimensões teóricas foram identificadas: (1) foco no objetivo final; (2) desejo de resultados sem esforço sistemático; (3) ignorar limites e obstáculos; (4) sonhar com grandes projetos; (5) ética da aventura; e (6) desprezo pelo ideal do trabalhador.

A geração dos itens foi embasada em revisão da literatura e ancorada conceitualmente nas obras de Holanda (1995), Freitas (2000) e Souza (1999). Após elaboração, os itens passaram por análise de validade de conteúdo por especialistas. Embora o processo siga as boas práticas da literatura psicométrica, a proposta ainda é exploratória e deverá ser refinada por análises futuras, como a fatorial confirmatória. O objetivo maior é oferecer um instrumento que permita não apenas mensurar, mas também discutir criticamente o impacto da cultura nos estilos de aprendizagem, promovendo intervenções pedagógicas culturalmente sensíveis.

3 Método

A Análise Fatorial Exploratória (AFE) foi conduzida com o objetivo de investigar a estrutura fatorial subjacente a uma escala composta por itens de natureza ordinal. As análises foram realizadas com o software Factor (Lorenzo-Seva & Ferrando, 2019a), amplamente reconhecido por sua capacidade de lidar com dados não normais e variáveis ordinais.

Inicialmente, foi realizada uma triagem minuciosa dos dados, incluindo a verificação de valores ausentes (*missing data*), com imputação múltipla ou exclusão *listwise*, dependendo do padrão de ausência identificado. Foram também examinados outliers univariados e multivariados. A normalidade dos dados foi avaliada por meio de testes de assimetria e curtose, e a linearidade foi inspecionada visualmente, respeitando as boas práticas sugeridas por Hair et al. (2019).

Dado o caráter ordinal dos itens (escala tipo Likert), foi utilizada matriz de correlação policórica (Jöreskog, 1994), apropriada para variáveis categóricas ordenadas, permitindo melhor estimativa das relações entre os construtos latentes. A adequação dos dados à AFE foi verificada por meio do Teste de Esfericidade de Bartlett e do índice Kaiser-Meyer-Olkin (KMO), com intervalo de confiança bootstrap de 95%, além dos indicadores adicionais QIM, RDI e MSA (Lorenzo-Seva & Ferrando, 2021), para validar a adequação dos itens à modelagem fatorial.

A extração dos fatores foi realizada por meio do método Robust Diagonally Weighted Least Squares (RDWLS) (Asparouhov & Muthén, 2010), robusto frente a desvios da normalidade e ideal para variáveis ordinais. A retenção do número de fatores foi orientada por Análise Paralela com permutação aleatória (Timmerman & Lorenzo-Seva, 2011), com suporte adicional dos indicadores de multidimensionalidade UniCo, ECV e MIREAL. A decisão final também considerou a fundamentação teórica baseada em Holanda (1995), visando representar com fidelidade o construto investigado.

A estrutura extraída foi simplificada com rotação Promin (Lorenzo-Seva & Ferrando, 2019a), adequada mesmo na presença de assimetrias ou outliers. Foram avaliados os valores h (estabilidade) e w (relevância) dos itens, e consideraram-se cargas fatoriais superiores a 0,40 como substanciais (Hair et al., 2019). A importância dos fatores foi complementada pela medida de Pratt (Wu & Zumbo, 2017), que quantifica a contribuição percentual de cada fator na variância dos itens.

A qualidade do modelo foi avaliada por meio de indicadores de ajuste robustos: RMSEA (erro médio quadrático de aproximação), qui-quadrado robusto ajustado, CFI (Índice de Ajuste Comparativo), TLI (Índice Tucker-Lewis), GFI (Índice de Bondade de Ajuste) e BIC (Critério de Informação Bayesiano). A variância explicada por cada fator foi registrada, e a confiabilidade interna aferida com o índice ORION, cujos valores foram satisfatórios (>0,84), além da determinação fatorial.

A validade convergente e discriminante foi examinada por meio de correlações fatoriais coerentes com a estrutura teórica, com combinações de correlações positivas e negativas. Também foram considerados indicadores de simplicidade estrutural global, como os índices de Bentler e LS, bem como a replicabilidade dos fatores por meio do H-index (Ferrando & Lorenzo-Seva, 2018), demonstrando alta estabilidade. Por fim, foram estimados os parâmetros de discriminação e os *thresholds* dos itens segundo a parametrização de Reckase (1985), reforçando a sensibilidade dos itens para distinguir níveis distintos do traço latente.

4 Desenvolvimento e validação da escala

4.1 Identificação do domínio e geração de itens

Para compreender a tipologia cultural desenvolvida por Holanda (1995), especialmente no que tange às figuras do trabalhador e do aventureiro, é necessário considerar as oposições conceituais centrais apresentadas pelo autor nos capítulos iniciais de *Raízes do Brasil* (Holanda, 1995), com apoio nas interpretações complementares de Freitas (2000) e Souza (1999). Essas tipificações funcionam como tipos ideais, no sentido weberiano, que, embora não se manifestem de forma pura na realidade, operam como ferramentas analíticas para a compreensão dos traços estruturantes da cultura brasileira.

O trabalhador representa o indivíduo que valoriza o esforço contínuo, a estabilidade e o uso eficiente dos recursos. Sua conduta é orientada pela racionalidade prática, e seu olhar se volta para os obstáculos concretos do presente. Diante dos desafios, ele reconhece primeiramente as dificuldades a serem superadas, adotando uma postura cuidadosa e sistemática. Suas ações estão ancoradas em uma ética do trabalho que preza pela persistência e pelo método, ainda que os resultados sejam lentos ou pouco compensadores a curto prazo. Dentre suas principais características, destacam-se:

- Foco nas dificuldades: valorização da superação de obstáculos imediatos.
- Esforço persistente: compromisso com o progresso contínuo e metódico.
- Atenção aos detalhes: busca por eficiência e redução de desperdícios.

- Ética do trabalho: valorização moral de ações realizáveis e consistentes.
- Visão realista e restrita: cautela em relação ao mundo e seus riscos.
- Busca por estabilidade: preferência por segurança pessoal e material.

Em oposição, o homem aventureiro encarna uma orientação voltada ao futuro idealizado e às conquistas grandiosas, ainda que obtidas por caminhos incertos ou arriscados. Ele tende a minimizar a importância dos processos, privilegiando os fins. Vive impulsionado por um espírito de audácia, despreza a rigidez das rotinas e exalta a imprevisibilidade como virtude. Esse tipo rejeita o esforço sistemático, enaltece a improvisação e demonstra desinteresse por planejamentos metódicos, considerando qualidades como irresponsabilidade, imprevidência e instabilidade como expressões legítimas de sua ética. Suas características incluem:

- Foco no objetivo final: os meios são vistos como obstáculos a contornar.
- Desejo de resultados sem esforço sistemático: rejeição ao trabalho persistente.
- Ignorar limites e obstáculos: visão ampla e despreocupada com restrições.
- Viver de grandes projetos: engajamento com projetos grandiosos e visionários.
- Ética da aventura: valorização de ações voltadas à recompensa imediata.
- Desprezo pelo ideal do trabalhador: desvalorização da estabilidade e da rotina.

Embora representem polos distintos, essas figuras são construídas como categorias analíticas e não como descrições absolutas de indivíduos reais. Conforme ressalta Weber (1995), os tipos ideais são construções teóricas que enfatizam traços significativos de fenômenos sociais, permitindo sua análise comparativa. Na realidade, os sujeitos tendem a expressar configurações híbridas desses modelos.

Ainda assim, a análise histórica e sociológica de Holanda (1995) aponta para uma inclinação predominante da cultura brasileira em direção ao modelo aventureiro, o que tem implicações relevantes para a compreensão de comportamentos contemporâneos.

Esse pano de fundo histórico-cultural é reforçado por autores como Fernando Azevedo (1944), ao descrever o espírito migratório, ousado e instável da população brasileira como expressão de uma disposição para a aventura. Tal disposição estaria na raiz de um ethos nacional que privilegia a improvisação, a flexibilidade e a busca por resultados rápidos, em detrimento da construção sistemática e duradoura. Com base nessa construção teórica, foi adotado o método dedutivo para a geração dos itens (Boateng et al., 2018).

A definição do domínio conceitual, fundamentada nas obras de Holanda (1995), Freitas (2000), Souza (1999) e Azevedo (1944), permitiu a identificação de dimensões fundamentais do construto "comportamento aventureiro". Em seguida, foram formulados itens representativos de cada dimensão, com linguagem clara e compatível com a realidade do público-alvo, assegurando sua aderência teórica e seu potencial validade de conteúdo

4.2 Fundamentação do constructo e geração de itens

Com base no referencial teórico apresentado, foi adotado o método dedutivo para a construção dos itens da escala, conforme orientações metodológicas propostas por Boateng et al. (2018). A definição conceitual do domínio baseou-se na tipologia ideal proposta por Holanda (1995), que contrapõe duas figuras arquetípicas: o trabalhador e o aventureiro. Essas categorias foram complementadas por interpretações de Freitas (2000), Souza (1999) e Azevedo (1944), permitindo ampliar o entendimento sociocultural do construto.

O tipo trabalhador representa o sujeito orientado pela racionalidade prática, que valoriza o esforço contínuo, a eficiência no uso dos recursos e a estabilidade. Seus comportamentos são metódicos, cuidadosos e voltados para metas realizáveis. Por outro lado, o tipo aventureiro

expressa um *ethos* voltado à audácia, à improvisação e à busca por resultados imediatos, muitas vezes em detrimento do planejamento sistemático ou da estabilidade pessoal.

As seis dimensões extraídas dessa construção teórica — foco no objetivo final, desejo de resultados sem esforço sistemático, ignorar limites e obstáculos, inclinação a grandes projetos, ética da aventura e desprezo pelo ideal do trabalhador, orientaram a formulação dos itens da escala. Cada item foi redigido com linguagem clara, alinhada ao universo simbólico e comportamental do público-alvo, buscando captar atitudes e percepções associadas ao comportamento aventureiro no contexto acadêmico.

Essa estratégia de geração de itens, ancorada na fundamentação conceitual e cultural do construto, visa assegurar validade de conteúdo e coerência interna da escala, preservando o rigor teórico na transposição da tipologia de Holanda para o campo empírico. A partir das dimensões identificadas, foram elaborados itens comportamentais representativos para cada categoria teórica. Esses itens foram validados por especialistas quanto à clareza, pertinência e adequação ao público-alvo. O quadro a seguir apresenta a relação entre as dimensões conceituais e os respectivos itens:

Dimensão	Definição	Exemplificação no contexto acadêmico
Foco no objetivo final	O ponto de chegada assume prioridade tão grande que os meios para o alcançar tornam-se secundários ou supérfluos.	Estudantes que priorizam o diploma ou reconhecimento acima do processo de aprendizagem, buscando rapidez e status mais que profundidade.
Resultados sem esforço sistemático	Preferência por recompensas imediatas, sem compromisso com processos longos ou metódicos.	Alunos que buscam atalhos para ter sucesso, evitando disciplinas que demandam esforço constante.
Ignorar limites e obstáculos	Tendência a ultrapassar fronteiras institucionais ou pessoais para alcançar fins ambiciosos, transformando barreiras em oportunidades.	Estudantes que desafiam normas e prazos acadêmicos, reinterpretando as regras como obstáculos a serem superados.
Sonhador/grandes projetos	Inclinação para projetos amplos, ambiciosos e de grande impacto, mesmo que distantes da realidade imediata.	Alunos motivados por liderar iniciativas grandiosas desde cedo, como empreendimentos, centros acadêmicos ou movimentos estudantis de grande escala.
Ética da aventura	Valorização de ações de alto retorno imediato em detrimento de estabilidade ou construção de longo prazo.	Estudantes que negligenciam compromissos acadêmicos em favor de estágios ou oportunidades que oferecem ganhos rápidos.
Desprezo pelo ideal do trabalhador	Desvalorização da rotina metódica e da disciplina tradicional de estudo, associando essas práticas a limitações ou falta de ambição.	Alunos que consideram métodos estruturados como entediantes e veem colegas mais sistemáticos como pouco ousados ou antiquados.

Quadro 1: Definição das Dimensões e suas Manifestações no Contexto Acadêmico

Fonte: Elaborado pelos autores (2025)

O conjunto de itens descrito no quadro foi construído com base nas dimensões teóricas do constructo “comportamento aventureiro” e validado por especialistas quanto à clareza e relevância. Cada item busca representar de forma objetiva os traços comportamentais associados às diferentes dimensões, garantindo aderência conceitual e aplicabilidade no contexto acadêmico.

Dimensão	Item Validado
Foco no Objetivo Final	V 1 - Eu me concentro mais no resultado do que nos passos necessários para alcançá-lo.
	V 2 - Eu me preocupo mais em concluir o curso do que em me aprofundar nas disciplinas

	V 3 - Priorizo a entrega de trabalhos ou a aprovação em provas, sem me preocupar tanto com o processo de aprendizagem.
	V 4 - Para mim, obter o diploma é o mais importante.
	V 5 - Acredito que alcançar a formação vale mais do que o esforço dedicado ao estudo.
	V 6 - Prefiro focar nos resultados, mesmo que isso signifique não aproveitar plenamente as aulas.
Desejo de Resultados sem Esforço Sistemático	V 7 - Fico desmotivado quando preciso me empenhar muito em uma atividade sem um resultado claro.
	V 8 - Prefiro soluções rápidas que me tragam resultados imediatos.
	V 9 - Fico impaciente com atividades que demandam muito tempo para serem concluídas.
	V 10 - Acho cansativo/maçante ter que trabalhar em algo por muito tempo.
	V 11 - Sou impaciente para tarefas que exigem muito tempo.
	V 12 - Tenho dificuldade em seguir uma rotina de estudo.
Ignorar Limites e Obstáculos	V 13 - Prazo é algo que pode ser ajustado. Consigo negociar e ajustar os prazos de entrega.
	V 14 - Transformo dificuldades em oportunidades para avançar.
	V 15 - Desafio as regras ou normas acadêmicas para alcançar meus objetivos.
	V 16 - Vejo obstáculos acadêmicos como oportunidades para inovar e encontrar novas soluções.
	V 17 - Estou disposto a ultrapassar fronteiras convencionais para realizar meus propósitos acadêmicos.
	V 18 - Vejo limites impostos como desafios a serem superados.
Sonhador/Vive de Grandes Projetos	V 19 - Estou disposto(a) a ultrapassar fronteiras para alcançar meus objetivos.
	V 20 - Gosto de trabalhar em projetos que vão além do comum.
	V 21 - Me sinto motivado por temas acadêmicos que envolvem grandes desafios.
	V 22 - Sou mais atraído por projetos ambiciosos.
	V 23 - Sinto-me motivado a iniciar projetos que possam causar um impacto na sociedade.
	V 24 - Meu objetivo é contribuir para projetos ambiciosos que ultrapassem as fronteiras da universidade.
Ética da Aventura	V 25 - Sinto-me atraído(a) por projetos grandiosos e ambiciosos.
	V 26 - Prefiro ações que oferecem ganhos rápidos em vez de estabilidade a longo prazo.
	V 27 - Acredito que é melhor aproveitar oportunidades agora do que esperar por algo no futuro.
	V 28 - Acredito que buscar recompensas rápidas é mais importante do que investir em estabilidade e segurança futuras sem ganho imediato.
	V 29 - Prefiro iniciativas que proporcionam resultados no presente.
	V 30 - Valorizo oportunidades que me oferecem recompensas imediatas, mesmo que isso signifique deixar de lado compromissos acadêmicos.
Desprezo pelo Ideal do Trabalhador	V 31 - Prefiro estágios ou trabalhos que proporcionem ganhos rápidos em vez de atividades acadêmicas que promovam meu desenvolvimento a longo prazo.
	V 32 - Estou disposto a negligenciar tarefas acadêmicas para aproveitar oportunidades com benefícios imediatos.
	V 33 - Considero monótono seguir um método para alcançar objetivos.
	V 34 - Tenho dificuldade em manter o foco em tarefas repetitivas.
	V 35 - Tenho dificuldade em me adaptar a rotinas e horários.
	V 36 - Considero que o esforço constante em tarefas acadêmicas é limitador e pouco estimulante.
	V 37 - Não me identifico com uma rotina de estudos metódica e contínua.
	V 38 - Prefiro abordagens mais livres e sem estrutura fixa para estudo.
	V 39 - Estudos baseados em métodos rígidos não me parecem apropriados.

Quadro 2: Itens da Escala de Comportamento Aventureiro por Dimensão Teórica
Fonte: Elaborado pelos autores (2025)

4.3 Análise Fatorial Exploratória (AFE) da escala

Primeiramente, apresentamos uma caracterização da amostra que é composta por 139 participantes (Tabela 1). De modo geral, observou-se predominância do sexo feminino, estudantes de instituições públicas, matriculados no turno noturno. Quase metade dos participantes indicou já estar trabalhando na área do curso, o que pode influenciar suas percepções sobre engajamento acadêmico.

Sexo:	Contagens	% do Total
Feminino	90,00	64,7%
Masculino	49,00	35,3%
Instituição:	Contagens	% do Total
Privada	45,00	32,4%
Pública	94,00	67,6%
Turno de estudo:	Contagens	% do Total
Manhã	14,00	10,1%
Noite	115,00	82,7%
Tarde	10,00	7,2%
Trabalha:	Contagens	% do Total
Não trabalho	37,00	26,6%
Sim, mas não dentro da área do curso	36,00	25,9%
Sim, na área do meu curso	66,00	47,5%

Tabela 1: Perfil Demográfico da Amostra de Estudantes Universitários Participantes
Fonte: Elaborado pelos autores (2025)

Os testes de adequação da matriz de correlação policórica indicaram que os dados são apropriados para análise fatorial exploratória. O teste de esfericidade de Bartlett foi significativo, e o índice KMO superou o limiar mínimo recomendado, demonstrando que a estrutura de correlações entre os itens permite a extração confiável de fatores. O teste de esfericidade de Bartlett apresentou um valor significativo ($\chi^2 = 1437,2$; gl = 666; $p < 0,001$), sugerindo que a matriz não é identidade e, portanto, apropriada para análise fatorial. O índice Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) foi de 0,82, indicando boa adequação dos dados para a análise de fatores. Esses resultados indicam uma qualidade da matriz para extração de fatores.

Na etapa seguinte, avaliou-se a qualidade dos itens por meio de índices adicionais, como QIM, RDI e MSA, com base na literatura de Lorenzo-Seva e Ferrando (2021). Os resultados sustentam a validade das correlações e a adequação da maioria dos itens, embora um item (Item 13) tenha demonstrado necessidade de revisão.

Ademais, a adequação dos itens foi avaliada por meio dos índices QIM, RDI e MAS (Lorenzo-Seva & Ferrando, 2021). O *Quartile of Ipsative Means* (QIM) indicou que os itens estão balanceados, com a maioria situando-se nos quartis centrais, o que sugere ausência de viés extremo. O *Relative Difficulty Index* (RDI) apresentou valores adequados, com a maioria dos itens na faixa recomendada entre 0,40 e 0,60, garantindo a distribuição equilibrada dos níveis de dificuldade. A *Measure of Sampling Adequacy* (MSA) apresentou valores satisfatórios para a maioria dos itens ($MSA > 0,70$), exceto o item 13, que apresentou um valor de 0,520 ($IC\ 95\% = 0,268 - 0,758$), indicando baixa adequação e sugerindo sua remoção ou revisão. No geral, matriz de correlação policórica foi considerada adequada.

Os resultados da Análise Paralela indicaram que os *cinco primeiros fatores* explicaram uma variância maior do que a média e o percentil 95 das variâncias geradas aleatoriamente, sendo considerados significativos. O primeiro fator explicou 27,58% da variância, comparado à média (6,67%) e ao percentil 95 (7,20%) das matrizes aleatórias, os fatores subsequentes explicaram, respectivamente, 15,58%, 6,90%, 5,83% e 5,47% da variância, superando consistentemente os critérios aleatórios. Já o sexto fator apresentou um valor de variância

explicada de 4,17%, inferior ao percentil 95 das matrizes aleatórias (5,11%), não sendo considerado significativo.

Número de fatores	Dados reais % da variância	Média dos dados aleatórios % da variância	Percentil 95 dos dados aleatórios % da variância
1	27,7946*	6,6587	7,1706
2	15,7017*	6,1502	6,5238
3	6,9421*	5,7735	6,0881
4	5,8606*	5,4381	5,7513
5	5,4920*	5,1491	5,4183
6	4,1683	4,8854	5,1072
7	3,6346	4,6412	4,8697
8	3,0312	4,4131	4,6193
9	2,7474	4,194	4,391
10	2,3884	3,9891	4,1666
11	2,1965	3,7942	3,9647
12	2,0056	3,6029	3,787
13	1,9269	3,4188	3,5816
14	1,5708	3,2395	3,4096
15	1,4828	3,0625	3,227
16	1,3527	2,9007	3,059
17	1,2524	2,7444	2,8957
18	1,203	2,5878	2,7403
19	1,1339	2,4404	2,5794
20	1,0501	2,3031	2,4388
21	0,9722	2,1586	2,3076
22	0,8183	2,0196	2,1665
23	0,7632	1,8809	2,0186
24	0,7402	1,7483	1,8937
25	0,597	1,615	1,7507
26	0,5638	1,4867	1,6244
27	0,5412	1,3606	1,5007
28	0,5144	1,2281	1,3636
29	0,4134	1,1055	1,2581
30	0,3308	0,9782	1,1249
31	0,255	0,8479	0,9858
32	0,200	0,7161	0,8613
33	0,1564	0,5834	0,7327
34	0,1204	0,4447	0,6064
35	0,0678	0,2931	0,4461
36	0,0011	0,1553	0,2871

Tabela 2: Resultados da Análise Paralela para Determinação do Número de Fatores

Nota: O número de fatores a ser retido é cinco, pois cinco fatores dos dados reais apresentam 61,5606% de variância explicada maior do que os dados aleatórios. Fonte: Elaborado pelos autores (2025)

Destacamos que a estrutura teórica do instrumento sugere a existência de seis dimensões, cada uma representando um aspecto distinto do perfil aventureiro, enquanto a análise paralela identificou cinco fatores significativos nos dados, superando os autovalores médios e o percentil 95 das matrizes geradas aleatoriamente. A incongruência entre os resultados empíricos e a base teórica ressalta a necessidade de uma abordagem mais detalhada para determinar a estrutura fatorial final, como a realização de uma modelagem comparativa, que permita avaliar diferentes soluções fatoriais (por exemplo, cinco e seis fatores). Apesar da sugestão empírica de cinco fatores, seguimos a análise com base na fundamentação teórica do

construto Comportamento Aventureiro propõe seis dimensões. Assim, determinou-se a retenção de seis fatores significativos para a análise fatorial exploratória, seguindo às recomendações de Timmerman e Lorenzo-Seva (2011).

Foi realizada análise de unidimensionalidade para verificar se a escala poderia ser considerada essencialmente unidimensional. Os resultados indicaram baixa unidimensionalidade, reforçando a natureza multidimensional do instrumento, em consonância com a proposta teórica. A análise de proximidade à unidimensionalidade, conforme proposta por Ferrando e Lorenzo-Seva (2018), no índice UniCo apresentou um valor de 0,766 (IC 95% = 0,703 - 0,842), abaixo do limite recomendado de 0,95, indicando que os dados não podem ser tratados como essencialmente unidimensionais. O índice ECV, que mede a proporção da variância comum explicada pelo fator principal, foi de 0,645 (IC 95% = 0,552 - 0,711), também inferior ao limiar recomendado de 0,85, reforçando a presença de múltiplos fatores subjacentes.

Por outro lado, o índice MIREAL apresentou um valor de 0,292 (IC 95% = 0,261 - 0,353), próximo ao critério de 0,300 para unidimensionalidade, sugerindo cargas residuais relativamente baixas. Esses resultados confirmam que a escala possui uma estrutura multidimensional, alinhada à sua concepção teórica fundamentada em Sérgio Buarque de Holanda (1995), que identifica seis dimensões principais do comportamento aventureiro. A análise reforça a necessidade de tratar a escala como composta por múltiplos fatores, o que está em conformidade com sua base teórica

Os resultados das estatísticas de ajuste robusto (*Robust Goodness Of Fit Statistics*) indicaram que o modelo apresenta um ajuste excelente aos dados observados. O índice *Root Mean Square Error of Approximation* (RMSEA) foi estimado em 0,000, considerado excelente. O teste de ajuste aproximado ($H_0: RMSEA < 0,05$) foi significativo ($P = 1,000$), reforçando a adequação do modelo. O *Minimum Fit Function Chi-Square* foi de 176,735 com 459 graus de liberdade ($P = 0,999990$), enquanto o *Robust Mean and Variance-Adjusted Chi-Square* apresentou valor de 136,338 com 459 graus de liberdade ($P = 0,999990$). Esses resultados indicam ausência de diferenças estatisticamente significativas entre a matriz de covariância observada e a reproduzida pelo modelo.

Os índices de ajuste incremental foram avaliados com o *Comparative Fit Index* (CFI) estimado em 0,999 (IC 95% = 0,999 - 0,999) e o *Non-Normed Fit Index* (NNFI/TLI) em 1,100 (IC 95% = 1,055 - 1,267), ambos indicando ajuste excelente aos dados (valores acima de 0,95). O *Goodness of Fit Index* (GFI) foi de 0,870 (IC 95% = 0,824 - 0,890), enquanto o Adjusted Goodness of Fit Index (AGFI) alcançou 0,811 (IC 95% = 0,744 - 0,840), sugerindo ajuste moderado. Por fim, o critério de parcimônia *Schwarz's Bayesian Information Criterion* (BIC) foi estimado em 1414,367 (IC 95% = 1351,702 - 1437,481).

No geral, os resultados estatísticos de ajuste robusto (*Robust Goodness Of Fit Statistics*) indicam que o modelo fatorial proposto apresenta excelente ajuste aos dados observados, com índices robustos de qualidade que sustentam sua validade estrutural.

A análise dos pesos da rotação robusta, conforme Lorenzo-Seva e Ferrando (2019a), fornece informações importantes sobre a estabilidade das variáveis e sua relevância na definição da estrutura fatorial. Nesse o valor h (*average of the diagonal values in the asymptotic variance/covariance matrix*) mede a estabilidade das correlações de uma variável e valores altos indicam maior instabilidade nas correlações das variáveis, já o valor w (*Robust weight value*) mede a contribuição da variável para a estrutura simples da solução fatorial onde valores próximos de 1 indicam alta relevância para a solução fatorial e valores próximos de 0 indicam que a variável é menos importante para definir a estrutura.

Para aprofundar a compreensão da relevância e estabilidade dos itens na solução fatorial, foram analisados os índices h (estabilidade das correlações) e w (contribuição para a estrutura

fatorial). A maioria dos itens demonstrou adequação, embora alguns, como os itens V6, V18, V21, V22 e V35, tenham indicado necessidade de revisão por baixa estabilidade e relevância.

Variable	h	w
V 1	1,2228	0,2333
V 2	1,4324	0,1019
V 3	1,3894	0,1289
V 4	1,4411	0,0965
V 5	1,4506	0,0905
V 6 *	1,4934	0,0637
V 7	1,1404	0,2850
V 8	1,3436	0,1576
V 9	1,4246	0,1068
V 10	1,4087	0,1168
V 11	1,3651	0,1441
V 12	1,3533	0,1515
V 13	1,3230	0,1705
V 14	1,3998	0,1224
V 15	1,3692	0,1416
V 16	1,4064	0,1182
V 17	1,3260	0,1686
V 18 *	1,4646	0,0817
V 19	1,4301	0,1034
V 20	1,4459	0,0934
V 21 *	1,4817	0,0710
V 22 *	1,4697	0,0785
V 23	1,3705	0,1407
V 24	1,4618	0,0835
V 25	1,4054	0,1189
V 26	1,2353	0,2255
V 27	1,3717	0,1400
V 28	1,4621	0,0833
V 29	1,4753	0,0750
V 30	1,4714	0,0774
V 31	1,3915	0,1275
V 32	1,3971	0,1240
V 33	1,3706	0,1406
V 34	1,3696	0,1413
V 35 *	1,5949	0,0001
V 36	1,4186	0,1106
V 37	1,3578	0,1487

Tabela 3: Pesos de Estabilidade (h) e Relevância (w) das Variáveis na Estrutura Fatorial
* Variáveis com características que indicam baixa contribuição para a solução fatorial e/ou instabilidade em suas correlações. Fonte: Elaborado pelos autores (2025)

Os resultados indicaram que a maioria das variáveis apresentou valores de h na faixa de 1,3 a 1,5, sugerindo uma estabilidade moderada das correlações. O índice w, que mede a relevância da variável na estrutura fatorial, foi em sua maioria superior a 0,08, indicando que a maioria das variáveis contribui significativamente para o modelo. Considerando que variáveis possivelmente problemáticas na análise dos pesos da rotação robusta, aquelas que apresentam alto valor de h, que sugere instabilidade nas correlações da variável; e baixo valor de w, que indica que a variável contribui pouco para a estrutura fatorial, devemos analisar as variáveis V35; V6; V18; V21; V22.

A Tabela 4 apresenta as cargas fatoriais dos 37 itens nos seis fatores extraídos. Consideraram-se relevantes as cargas superiores a 0,4. A análise das cargas permitiu identificar associações claras entre os itens e os fatores, fortalecendo a estrutura do modelo teórico.

Variable	F 1	F 2	F 3	F 4	F 5	F 6
V 1	0,169	0,142	-0,134	-0,042	0,610	-0,109
V 2	-0,006	-0,055	0,012	0,025	0,710	0,125
V 3	-0,044	-0,008	0,099	-0,048	0,654	0,016
V 4	0,148	-0,051	-0,042	0,127	0,700	-0,021
V 5	0,091	0,015	-0,064	-0,034	0,630	0,128
V 6	0,282	-0,025	-0,047	0,096	0,686	-0,088
V 7	0,539	-0,149	0,066	0,012	0,001	-0,153
V 8	0,63	-0,12	-0,054	0,026	0,144	0,141
V 9	0,639	0,118	0,073	-0,13	0,016	0,034
V 10	0,625	0,007	0,249	-0,178	-0,027	-0,045
V 11	0,408	0,119	0,346	-0,226	0,011	0,063
V 12	0,126	0,038	0,647	-0,017	0,204	-0,251
V 13	0,231	-0,138	-0,11	0,277	-0,177	0,222
V 14	0,23	0,358	-0,359	0,227	-0,037	-0,22
V 15	-0,023	0,427	0,052	0,118	0,047	0,318
V 16	0,209	0,312	-0,319	0,112	-0,237	-0,039
V 17	-0,015	0,885	0,004	-0,034	0,045	0,081
V 18	0,007	0,595	-0,138	0,076	-0,192	0,105
V 19	0,03	0,85	-0,029	-0,099	0	-0,017
V 20	0,009	0,297	0,006	0,691	0,149	-0,165
V 21	-0,088	0,409	-0,077	0,626	0,05	0,008
V 22	0,099	0,218	-0,138	0,688	0,043	-0,156
V 23	-0,159	0,355	0,236	0,617	-0,026	0,039
V 24	-0,213	0,335	0,167	0,651	-0,039	0,187
V 25	0,144	0,196	-0,043	-0,012	0,104	0,629
V 26	0,395	-0,043	-0,089	0,337	0,137	0,161
V 27	0,013	0,113	-0,050	-0,082	-0,044	0,783
V 28	0,448	0,077	-0,074	0,053	-0,005	0,488
V 29	-0,024	-0,083	0,039	-0,051	0,064	0,727
V 30	0,066	-0,003	0,143	0,102	0,183	0,531
V 31	-0,106	-0,062	0,273	-0,014	0,129	0,436
V 32	0,116	-0,188	0,433	0,161	-0,343	0,400
V 33	0,27	0,006	0,526	0,226	-0,017	0,065
V 34	0,002	0,069	0,688	-0,036	0,068	-0,072
V 35	-0,068	-0,044	0,512	-0,049	-0,004	0,45
V 36	0,121	0,066	0,71	-0,015	-0,122	0,097
V 37	0,184	-0,025	0,641	0,215	-0,139	0,022

Tabela 4: Cargas Fatoriais dos Itens (V1 a V37) nos Seis Fatores Extraídos Fonte: Elaborado pelos autores (2025)

A Tabela 5 apresenta os resultados da análise de variância explicada, confiabilidade (ORION) e índice de determinação fatorial (*Factor Determinacy Index*) para os seis fatores extraídos. Esses indicadores avaliam a contribuição de cada fator para o modelo, a confiabilidade das estimativas de escores fatoriais e a precisão com que os fatores são definidos.

Factor	Variance	ORION	Factor Determinacy Index
1	2,995	0,848	0,921
2	3,396	0,894	0,945
3	3,583	0,876	0,936
4	3,011	0,881	0,938

5	3,257	0,884	0,94
6	3,468	0,88	0,938

Tabela 5: Variância Explicada, Confiabilidade (ORION) e Determinação Fatorial por Fator Fonte: Elaborado pelos autores (2025)

Os seis fatores extraídos explicaram entre 2,995 e 3,583 da variância total, indicando uma contribuição equilibrada para o modelo. Quanto a confiabilidade das estimativas de escores fatoriais foi avaliada pelo índice ORION (Overall Reliability of Fully-Informative Prior Oblique N-EAP Scores), que variou de 0,848 (fator 1) a 0,894 (fator 2), ou seja, todos os valores superaram o recomendado de 0,80, indicando uma confiabilidade nas estimativas de escores.

O índice de determinação fatorial (*Factor Determinacy Index*), que mede a precisão com que os fatores representam as variáveis latentes subjacentes, variou de 0,921 (fator 1) a 0,945 (fator 2), assim, acima de 0,90, indicam que os fatores extraídos são bem definidos e representados no modelo. Esses indicam que os fatores extraídos possuem contribuição para o modelo teórico, confiabilidade nas estimativas de escores fatoriais e precisão na definição das dimensões latentes. A matriz de correlação entre os fatores revelou relações consistentes com a teoria: correlações elevadas entre fatores relacionados e baixas entre dimensões distintas, confirmando validade discriminante e convergente.

	F1	F2	F3	F4	F5
F2	- 0,031	1,000			
F3	0,317	- 0,220	1,000		
F4	- 0,078	0,323	- 0,145	1,000	
F5	0,437	- 0,349	0,560	- 0,176	1,000
F6	0,360	- 0,074	0,418	0,035	0,464

Tabela 6: Matriz de Correlação Entre os Fatores Extraídos
Fonte: Elaborado pelos autores (2025)

A matriz de correlação entre os fatores revelou associações moderadas a altas entre Fator 3 e Fator 5 ($r = 0,560$) e Fator 5 e Fator 6 ($r = 0,464$). Por outro lado, as correlações entre Fator 2 e Fator 5 ($r = -0,349$) e entre Fator 2 e Fator 3 ($r = -0,220$) foram baixas. Aspectos desejáveis entre fatores com características teóricas semelhantes, enquanto correlações baixas entre fatores distintos garantem que as dimensões medem aspectos únicos, ou seja, os achados sugerem que a estrutura fatorial possui validade discriminante e convergente, conforme esperado.

Para verificar a simplicidade da estrutura fatorial, foram calculados os índices S e LS. O índice global S indica boa interpretabilidade da estrutura, enquanto o LS sugere que ajustes em algumas variáveis podem aprimorar ainda mais a solução. Foi utilizado o índice de simplicidade de Bentler (S) e o índice de simplicidade de carga fatorial (LS), conforme proposto por Bentler (1977) e Lorenzo-Seva (2003). A estrutura fatorial é globalmente simples e interpretável ($S = 0,87085$, IC 95% [0,888, 0,893]). Entretanto, o índice de carga fatorial moderado ($LS = 0,45518$, IC 95% [0,446, 0,455]) sugere a necessidade de uma revisão detalhada de variáveis específicas para identificar possíveis contribuições cruzadas. Esses achados indicam que o modelo é funcional para análises teóricas, mas pode se beneficiar de refinamentos para aumentar a simplicidade em nível de variáveis (Bentler, 1977; Lorenzo-Seva, 2003).

Por fim, foram analisadas as estimativas de replicabilidade dos escores fatoriais. Todos os fatores apresentaram bons índices de H-Latent e H-Observed, garantindo robustez e possibilidade de replicação em estudos futuros.

Fator	H-Latent	IC 95% H-Latent	H-Observed	IC 95% H-Observed
F 1	0,848	[0,770, 0,891]	0,800	[0,668, 0,860]

F 2	0,894	[0,878, 0,928]	0,809	[0,619, 1,179]
F 3	0,876	[0,813, 0,912]	0,822	[0,584, 0,883]
F 4	0,881	[0,862, 0,933]	0,743	[0,603, 0,889]
F 5	0,884	[0,857, 0,932]	0,804	[0,613, 0,942]
F 6	0,880	[0,845, 0,947]	0,838	[0,639, 0,975]

Tabela 7: Estimativas de Replicabilidade dos Escores Fatoriais (H-Latent e H-Observed)

Fonte: Elaborado pelos autores (2025)

Também foi analisado os índices de Fidedignidade Composta, bem como estimativas de replicabilidade dos escores fatoriais (*H-index*; Ferrando & Lorenzo-Seva, 2018), apresentados na Tabela. No geral, os valores de H-Latent indicam que todos os fatores possuem uma variável latente bem definida e consistente, especialmente os fatores 2, 4, 5 e 6, com valores superiores a 0,88. Os resultados sugerem que o modelo é confiável e replicável, mas fatores com valores mais baixos em H-Observed (como o Fator 4) podem requerer atenção em estudos futuros para garantir a robustez.

5 Considerações finais

Este estudo teve como objetivo desenvolver e validar, de forma exploratória, uma escala psicométrica capaz de mensurar o comportamento aventureiro em estudantes do ensino superior, com base na tipologia cultural proposta por Sérgio Buarque de Holanda (1995) e aprofundada por autores como Freitas (2000), Souza (1999) e Azevedo (1944). A partir da contraposição entre os tipos ideais do trabalhador e do aventureiro, buscou-se traduzir traços comportamentais historicamente presentes na cultura brasileira em dimensões mensuráveis no contexto acadêmico.

A geração dos itens seguiu uma abordagem dedutiva (Boateng et al., 2018), partindo da definição conceitual do domínio e da elaboração de dimensões teóricas que expressam o desprezo por rotinas, a valorização de recompensas imediatas, a busca por grandes projetos e a rejeição à lógica do esforço metódico e disciplinado. Houve, em sequência, a validação de conteúdo dos itens gerados por especialistas. Em seguida, aplicou-se o instrumento a uma amostra de 139 estudantes, majoritariamente do sexo feminino e vinculados a instituições públicas.

Os dados foram analisados por meio de matriz de correlação policórica e Análise Fatorial Exploratória (AFE) com método RDWLS, resultando na retenção dos fatores explicativos, com bons índices de ajuste (RMSEA = 0,000; CFI = 0,999; TLI = 1,100) e consistência interna (ORION entre 0,848 e 0,894). Ademais, os índices de replicabilidade e simplicidade fatorial também sustentaram a qualidade do modelo.

Apesar da robustez estatística do modelo, alguns aspectos indicam a necessidade de ajustes adicionais. O índice LS (0,45518) sugere a presença de cargas cruzadas ou variáveis com baixa clareza em sua associação com os fatores, o que dificulta a interpretação e sugere a necessidade de revisão de itens. Além disso, a análise dos pesos de rotação robusta evidenciou variáveis com baixa relevância ($w < 0,08$) ou alta instabilidade ($h > 1,45$), como V6, V18, V21, V22 e V35, que devem ser consideradas para exclusão ou reformulação em futuras aplicações do instrumento. Por fim, embora os fatores apresentem confiabilidade adequada (ORION > 0,84 e H-Latent > 0,85), o fator 4 registrou H-Observed de 0,743, apontando menor estabilidade de replicação empírica e sugerindo a necessidade de atenção a esse agrupamento de itens em estudos subsequentes.

Reconhece-se que este estudo apresenta limitações importantes. O uso exclusivo da AFE, sem complementação com Análise Fatorial Confirmatória (AFC), restringe as inferências

sobre a validade estrutural do instrumento. Para avançar na consolidação do instrumento, recomenda-se a aplicação de AFC, a análise de invariância fatorial entre grupos (sexo, curso, tipo de instituição), bem como estudos de validade convergente e discriminante com outros instrumentos psicométricos. Investigações longitudinais poderão explorar o impacto do perfil aventureiro sobre variáveis como engajamento, desempenho acadêmico, evasão e atitudes frente à aprendizagem.

Em termos de aplicação prática, a escala mostra-se promissora como instrumento diagnóstico e de apoio à gestão acadêmica. Pode auxiliar docentes, coordenadores e gestores institucionais na compreensão de perfis comportamentais que afetam diretamente o desempenho e a permanência dos estudantes no ensino superior. Ao reconhecer o comportamento aventureiro como uma expressão cultural legítima, a escala contribui para o desenvolvimento de estratégias pedagógicas e políticas de acolhimento mais eficazes e culturalmente sensíveis. Além disso, pode apoiar programas de tutoria, orientação acadêmica e ações voltadas à personalização das trajetórias educacionais.

Conclui-se, portanto, que a escala de comportamento aventureiro representa uma contribuição para a psicometria no contexto educacional brasileiro. Embora apresente evidências preliminares de validade e confiabilidade, seu desenvolvimento ainda requer estudos adicionais para refinamento teórico e empírico. A proposta inaugura um campo fértil para a compreensão de como traços culturais influenciam atitudes acadêmicas, oferecendo uma ferramenta útil para pesquisadores, educadores e instituições comprometidas com a melhoria da experiência universitária.

Referências

- Asparouhov, T., & Muthén, B. (2010). *Simple second order chi-square correction*. [Manuscrito não publicado]. Department of Education & Information Studies, University of California. https://www.statmodel.com/download/WLSMV_new_chi21.pdf
- Azevedo, F. de. (1944). *A cultura brasileira: Introdução ao estudo da cultura no Brasil* (2ª ed.). Companhia Editora Nacional.
- Barmeyer, C. (2004). Learning styles and their impact on cross-cultural training: An international comparison in France, Germany and Quebec. *International Journal of Intercultural Relations*, 28(6), 577–594. <https://doi.org/10.1016/j.ijintrel.2004.06.006>
- Bentler, P. M. (1977). Factor simplicity index and transformations. *Psychometrika*, 42(2), 277–295. <https://doi.org/10.1007/BF02294054>
- Boateng, G. O., Neilands, T. B., Frongillo, E. A., Melgar-Quiñonez, H. R., & Young, S. L. (2018). Best practices for developing and validating scales for health, social, and behavioral research: A primer. *Frontiers in Public Health*, 6, 149. <https://doi.org/10.3389/fpubh.2018.00149>
- DaMatta, R. (1997). *Carnavais, malandros e heróis: Para uma sociologia do dilema brasileiro* (6ª ed.). Rocco.
- Faoro, R. (2001). *Os donos do poder: Formação do patronato político brasileiro* (4ª ed.). Globo.
- Ferrando, P. J., & Lorenzo-Seva, U. (2018). Assessing the quality and appropriateness of factor solutions and factor score estimates in exploratory item factor analysis. *Educational and Psychological Measurement*, 78(5), 762–780. <https://doi.org/10.1177/0013164417719308>

- Freitas, A. B. de. (2000). Traços brasileiros para uma análise organizacional. In F. C. P. Motta & M. P. Caldas (Orgs.), *Cultura organizacional e cultura brasileira*. Atlas.
- Freyre, G. (2006). *Casa-grande & senzala* (48^a ed.). Global.
- Hair, J. F., Risher, J. J., Sarstedt, M., & Ringle, C. M. (2019). When to use and how to report the results of PLS-SEM. *European Business Review*, 31(1), 2–24. <https://doi.org/10.1108/EBR-11-2018-0203>
- Holanda, S. B. de. (1995). *Raízes do Brasil* (26^a ed.). Companhia das Letras.
- Jöreskog, K. G. (1994). On the estimation of polychoric correlations and their asymptotic covariance matrix. *Psychometrika*, 59(3), 381–389. <https://doi.org/10.1007/BF02296131>
- Joy, S., & Kolb, D. A. (2009). Are there cultural differences in learning style? *International Journal of Intercultural Relations*, 33(1), 69–85. <https://doi.org/10.1016/j.ijintrel.2008.11.002>
- Lorenzo-Seva, U. (2003). A factor simplicity index. *Psychometrika*, 68(1), 49–60. <https://doi.org/10.1007/BF02296652>
- Lorenzo-Seva, U., & Ferrando, P. J. (2019a). Robust promin: a method for diagonally weighted factor rotation. *LIBERABIT, Revista Peruana de Psicología*, 25(1), 99-106. <https://doi.org/10.24265/liberabit.2019.v25n1.08>
- Lorenzo-Seva, U., & Ferrando, P. J. (2019b). *Robust Promin: A method for diagonally weighted factor rotation*. [Relatório técnico]. Universitat Rovira i Virgili, Tarragona, Espanha.
- Lorenzo-Seva, U., & Ferrando, P. J. (2021). Supplementary materials to: MSA: The forgotten index to identify indiscriminating items before computing exploratory factor analysis [Material suplementar]. PsychOpen GOLD. <https://doi.org/10.23668/psycharchives.5300>
- Reckase, M. D. (1985). The difficulty of test items that measure more than one ability. *Applied Psychological Measurement*, 9(4), 401–412. <https://doi.org/10.1177/014662168500900409>
- Ribeiro, D. (1999). *O povo brasileiro: A formação e o sentido do Brasil* (2^a ed.). Companhia das Letras.
- Souza, J. (1999). A ética protestante e a ideologia do atraso brasileiro. In J. Souza (Ed.), *O malandro e o protestante: A tese weberiana e a singularidade cultural brasileira*. Editora Universidade de Brasília.
- Timmerman, M. E., & Lorenzo-Seva, U. (2011). Dimensionality assessment of ordered polytomous items with parallel analysis. *Psychological Methods*, 16(3), 209–220. <https://doi.org/10.1037/a0023353>
- Weber, M. (1995). *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*. Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1905)
- Wu, A. D., & Zumbo, B. D. (2017). Using Pratt's importance measures in confirmatory factor analyses. *Journal of Modern Applied Statistical Methods*, 16(2), 81–98. <https://doi.org/10.22237/jmasm/1509494700>